

UM PASSEIO PELA CIDADE: EXPERIÊNCIAS URBANAS, POPULARES E HISTORIOGRÁFICAS.

Hilmária Xavier Silva

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG
hilmariax@yahoo.com.br

A cidade é também sociabilidade: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Marcas, todas, que registram uma ação social de um domínio e transformação de um espaço social no tempo. A cidade é concentração populacional, tem um pulsar de vida e cumpre plenamente o sentido da noção do ‘habitar’, e essas características a tornam indissociavelmente ligada ao sentido do ‘humano’, (...) cidade, moradia de muitos, a compor um tecido sempre renovado de relações sociais.

É esse tecido de relações sociais, do qual nos fala Pesavento, que vamos trabalhar neste artigo. O tecido específico que cobrirá essas páginas terá como locus a cidade de Campina Grande. Os escritos sobre essa cidade tem se mostrado sob vários olhares e perspectivas historiográficas, que vem sendo (re)vistos e (re)significados ao longo do tempo. Neste texto, pretendemos apontar algumas daquelas visões e significações sobre Campina Grande, no entanto sem pretender hierarquizar saberes. Para nós, a importância da revisão historiográfica é ímpar, primeiro porque ela permite o reconhecimento do campo no qual se vai trabalhar e produzir. Segundo, porque permite que o pesquisador estabeleça os recortes que deseja fazer dentro do campo, criando assim seus deslocamentos. Terceiro, porque permite nosso reconhecimento perante nossos pares, visto que o que nós escrevemos diz aos nossos pares quem nós somos.

Para nós, no processo de leitura e construção de um pensamento para este artigo, é de suma importância o trabalho que alguns historiadores já desenvolveram acerca das cidades no que se refere a modernidade, aos símbolos modernos, as reformas urbanas, e mesmo de questões diversas sobre a história das cidades como um todo e de Campina Grande especificamente.

Esse será o passeio historiográfico que faremos neste artigo. Num outro momento, passearemos pelas experiências urbanas de alguns populares na cidade. O recorte do

tecido aqui exposto tem a preocupação de estudar como se deu o processo de formação da favela da Cachoeira. Entendemos que esse processo foi construído historicamente, desde o ano de 1959, quando da origem da favela. Para tanto, problematizaremos as questões urbanas e as experiências populares que levaram a tal construção histórica.

Acreditamos que à medida em que levantamos questões sobre como pensar a cidade, a historicidade dos sujeitos, as práticas cotidianas dos moradores da Favela da Cachoeira, as condições de vida, aspectos sociais dos moradores da comunidade, sobre o papel ou o lugar dos populares enquanto agentes e produtores de uma cultura, estamos contribuindo com os debates que vem sendo realizados na academia que versam sobre as relações e conflitos sociais, sobre o cotidiano, sobre as reformas urbanas e as tramas políticas e econômicas que estão atreladas.

1. Experiências historiográficas

Nas últimas décadas observamos que a produção historiográfica que tem a cidade como centro de suas inquietações vem sendo crescente. Também podemos perceber as diversas influências teóricas que nortearam os estudiosos de cidades. Para caracterizar os campos teóricos e delimitarmos nosso lugar, faremos um breve comentário sobre as produções acerca das cidades que julgamos mais relevantes pelo alcance que tiveram no debate acadêmico e pelo seu caráter teórico-metodológico.

Numa perspectiva teórica Positivista, as pessoas que mais contribuíram para os estudos da cidade foram Epaminondas Câmara, em Alicerces de Campina Grande e Datas Campinenses; Elpídio de Almeida, com sua História de Campina Grande e Josué Sylvestre, em Da Revolução de 30 à Queda do Estado Novo. Essas obras tinham por característica a ênfase dos feitos heróicos da elite campinense de seu tempo.

Consideradas obras voltadas para os estudos sócio-econômicos, ou mesmo para o que se chamou de materialismo histórico, temos as obras Latifúndio e Algodão em Campina Grande: Modernização e Miséria, de Josefa Gomes de Almeida, e Morte e Vida das Oligarquias de Eliete Queiroz Gurjão. Nelas, as autoras fazem duras críticas ao capitalismo por entenderem que o sistema é o responsável pela manutenção da miséria e exploração dos trabalhadores rurais e urbanos.

Já em fins dos anos 1980 e início da década de 1990, como exemplos do que se convencionou chamar de novas tendências historiográficas, temos o trabalho de

Ariosvaldo da Silva Diniz, *A Maldição do Trabalho: homens pobres, mendigos e ladrões no imaginário das elites nordestinas*, onde o autor faz uma análise do mercado de trabalho e industrialização na Paraíba aproximando os conceitos de Thompson, historiador social inglês, aos conceitos de Foucault, filósofo pós-estruturalista francês, considerados divergentes.

Ainda na perspectiva de utilizar os conceitos de Foucault e fazer também uma leitura de gênero, temos as autoras Silêde Leila Oliveira Cavalcanti com *Campina Grande De(fl)vorada por Forasteiros: a passagem de Campina patriarcal a Campina burguesa*, e Keila Queiroz e Silva em *Sem lenço e Sem Documento: Mulheres de 60, filhas de um novo tempo?*. A primeira trata da cidade enquanto um corpo feminino e suas transformações. A segunda trata questões de modernidade e pós modernidade tendo como objeto algumas mulheres campinenses e suas práticas em sociedade.

Outra produção que consideramos relevante para o estudo sobre cidades é *Orfeu Extático na Metrópole*, de Nicolau Sevcenko. Nela o autor vem analisar o caráter fremente da urbanização e modernização de São Paulo e da perda e construção de novas identidades pelo indivíduo integrado à modernidade.

Em *(Des)encantos Modernos: Histórias da Cidade do Recife*, Antônio Paulo Rezende faz uma análise de como a sociedade recifense representava o moderno e o tradicional, defendendo uma cidade marcada por contradições e lutas em que os fatos históricos são vivenciados ou experimentados de formas diferentes por diversos grupos sociais.

Não podemos deixar de citar Sidney Chalhoub e Maria Stella Bresciani em *Trabalho, Lar e Botequim e Imagens das Cidades nos Séculos XIX e XX*, onde esses autores recuperam a experiência de trabalhadores e de grupos sociais distintos.

Escritos na perspectiva da história social e história cultural temos os trabalhos: *Cartografias e imagens da cidade: Campina Grande - 1920-1945*, de Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de Sousa, em que recupera as múltiplas formas dos moradores viverem na cidade, suas relações com o espaço urbano e com o trabalho que aqueles populares desenvolviam; *Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais (1880-1925)*, de Gervácio Batista Aranha, onde o autor vem problematizar a noção de modernidade e dos seus símbolos, onde o moderno se reconhece no passado, questionando as situações da contemporaneidade.

Luciano Mendonça de Lima em *Uma porta estreita para a liberdade: as ações cíveis e alguns aspectos do cotidiano escravo na Campina Grande do Século XIX*, acompanhou a luta dos escravos como sujeitos históricos que recusavam a submissão, criando suas estratégias de luta. Temos ainda o exemplo de Antônio Clarindo em *Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945 – 1965)*, que trata dos divertimentos e tensões sociais entre os populares e de como eles burlavam as normas de comportamento colocadas pela elite campinense.

Cito esses trabalhos como exemplo da rica produção que já se tem sobre cidades. Como disse no início desse texto, para reconhecer o campo de atuação teórica o autor tem que fazer esse exercício de revisão bibliográfica. Dentre as obras acima citadas, de algumas me aproximo mais, outras bem menos. Sem querer hierarquizar os lugares teóricos das obras apresentadas, a minha identificação é maior com as que tem influências da história social e cultural, no entanto, mesmo aquelas cujo norte teórico diverge do meu caminho, servirão de contraponto e de referência para a aproximação e distanciamento dos meus colegas, marcando meu lugar na pesquisa que desenvolvo. Creio que os posicionamentos teóricos que essas obras trazem suscitam grande parte das inquietações, questões e demandas levantadas pelo nosso olhar de pesquisador.

Enfim, essa reflexão historiográfica não se encerra aqui, na verdade a partir de cada nova leitura ela se expande e se renova.

2. Experiências urbanas

Caminhando na contra-mão de estudos que concebem a cidade como algo abstrato ou homogêneo, buscamos perceber suas margens e sua diversidade social. Assim, pretendemos trazer para o centro da discussão grupos específicos, no caso, os populares, e as tensões e conflitos internos em sua vivência. Assim, esse caminho teórico metodológico se diferencia daquele que boa parte da historiografia tradicional fez durante décadas, quando, através dela, grupos populares ou categorias profissionais diversas que compõe a classe trabalhadora perdem suas formas peculiares de aparecer e experimentar a cidade, e são muitas vezes relegados ao silêncio ou perdem seu sentido de humanidade dentro de conceitos e termos gerais.

Experimentar a cidade é algo que os grupos populares fazem com maestria. O espaço urbano é uma extensão da casa quando se abrem as portas para a rua. Assim a

cidade é composta e vivenciada como uma polifonia de sons, de cores, formas, sabores, odores, lugar de práticas de trabalho, lazer, solidariedade e violência.

Assim, ao estudar Campina Grande, procuramos conhecer homens e mulheres que habitaram a cidade em períodos e situações específicas. Acreditamos que só é possível pesquisar sobre a cidade investigando as experiências vivenciadas por seus moradores, tendo em vista que são eles quem forjaram e forjam a cidade, organizados em classes ou grupos sociais, pois, a cidade passa a existir enquanto tal quando os homens assim o determinam.

Sobre as nuances de nossa cidade, Sousa (2001) nos revela que

Campina Grande aparecia em grande parte do discurso e da propaganda das elites, ambigualmente, como um lugar em franca expansão e cheio de mazelas, mas onde o progresso e a civilização deitavam raízes. Dissecar e esquadrihar a cidade, trazendo à tona sua diversidade, é mostrar também como as elites tentavam hierarquizar espaços e intervieram em territórios, buscando instituir valores que mantivessem o *status quo*, ou que modificassem apenas superficialmente para incorporar novos grupos e interesses. Mas significa também compreender como muitos moradores vão constituir outras tantas cartografias, burlando e ressignificando essa teia de valores e códigos que se lhes tentavam impor.¹

3. Experiências populares

Quando chovia muito, as casas caíndo, desmoronando, muitas vezes eu ali, Jesus... Só Deus sabe o tanto de gente sofrendo, gritando “me acuda, me acuda”.

Essa fala é da senhora Maria Socorro de Oliveira², moradora da extinta Favela da Cachoeira, situada entre os bairros de José Pinheiro e Monte Castelo. A senhora Maria Socorro apresenta em seu discurso a realidade conhecida por ela e por tantos moradores da maior favela de Campina Grande. A história de dona Maria, assim como a de muitos outros habitantes daquela favela, foi consequência do projeto de ocupação da área, a partir dos anos de 1958.

Durante a gestão do então prefeito Severino Cabral, o local onde hoje se situa a Faculdade de Direito da UEPB, próxima ao Açude Velho, foi ocupado por pessoas que

¹ SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. *Cartografias e imagens da cidade: Campina Grande - 1920-1945*, Doutorado em História. Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2001 p. 177-178.

² Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=ONa2mSUZp68&feature=player_embedded

imigravam da zona rural da Paraíba para Campina Grande em busca de obter uma melhoria na qualidade de vida, tendo em vista que Campina se destacava na época entre outros fatores pelo escoamento comercial.

No entanto, essa crescente onda de migração e a aglomeração de pessoas naquele local não demorou a causar incômodos na elite local, que residia nas imediações do local invadido. Sentindo-se ameaçados pelos populares que ali se estabeleciam, essa mesma elite começou a pressionar às autoridades públicas para que algo fosse feito.

Tendo em jogo os poderes e as influências que era peculiar à sua condição, o prefeito Severino Cabral desalojou os invasores daquela área cedendo para eles um terreno situado entre os bairros de José Pinheiro e Monte Castelo, marginalizando e varrendo aquelas pessoas do centro da cidade. O então prefeito estava tão empenhado em “solucionar” aquele caso, que além de ceder terreno aos “sem teto”, ainda ofereceu-lhes materiais de construção, como caibros, taipas e forquilhas, para que eles improvisassem pequenas moradias, incentivando assim sua permanência na nova área e garantindo que eles não voltassem a “pisar nos calos” da elite coligada. Estava assim marginalizando aquelas pessoas, mas não desagradando os interesses da elite local. O que o prefeito Severino Cabral fez foi “resolver um problema”, criando outro.

O que aconteceu é que essa área também foi usada como artifício político. Quem procurasse a prefeitura em busca de um lugar para morar tinha aquela região indicada. Assim, a área chamada de Cachoeira, em função de uma pequena queda d’água onde desaguava o antigo Riacho das Piabas, hoje Açude Velho, foi rapidamente ocupada e expandida. A cada semana chegavam novos moradores, novas casas de barro e taipa eram construídas, e a infra estrutura do lugar não era desenvolvida pela prefeitura. Esta apenas permitiu que se alojassem ali. Nada mais em termos de melhorias foi feito efetivamente pela prefeitura de Severino Cabral naquela região. A própria geografia da Cachoeira, nada plana e com um declive imenso dificultava o processo de construção das moradias, que eram feitas praticamente umas sobre as outras.

Ao longo dos anos, as administrações municipais que se sucederam, planejavam uma reforma urbana no bairro. Em 1973 por exemplo, o então prefeito Evaldo Cruz

lançou o projeto do Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado³, o PDDI, e dentre as medidas estavam a planificação e processo de urbanização da área, com a infra-estrutura necessária à higiene e mínimas condições de saneamento básico na área.

O plano feito não chegou a concretizar-se. O que se observou foi a crescente e constante ocupação da área e marginalização dos indivíduos, o aumento da violência no lugar, usado por bandidos e traficantes que se refugiavam lá depois de atividades ilícitas, já que o acesso à determinadas áreas da favela era difícil à abordagem policial.

Os habitantes da Cachoeira viviam durante todos esses anos sob condições de sanitarismo precárias e ainda carregavam o estigma de favelados, marginais, assaltantes, vagabundos. Aquela favela podia ser considerada como um caldeirão de práticas culturais populares que se construía e se moldavam de acordo com as necessidades e os interesses de seus moradores. De acordo com as burlas necessárias para se viver sob aquelas condições e para se manter nas relações de poder construídas dentro e fora dela.

A fala do senhor José Martins de Paiva, gari, mais conhecido como Martins da Cachoeira, um dos militantes da comunidade, ilustra bem as relações de conflitos e tensões estabelecidas dentro da favela:

“E entre eles eu estava. Estava porque nasci e cresci aí dentro. Tenho orgulho disso aí. Muita gente tem vergonha, eu tenho orgulho de ter nascido dentro duma favela. Vergonha eu teria se eu tivesse nascido num berço de ouro e estivesse dentro de um presídio por matar um índio, assassinar um índio queimado como muitos filhotes de papai fizeram ou até mesmo assaltar banco. Isso seria vergonhoso pra mim, mas eu tenho orgulho, sabe por que? Nasci aqui dentro e construí uma moral que adquiri com os ensinamentos que minha mãe ensinou, a ser um cidadão e não um ciladrão, como nós éramos tratados pela polícia, que quando entrava aqui dentro não queria saber quem era honesto e quem era desonesto. Já entrava batendo. E depois que apanhasse é que íamos dizer que éramos inocentes, porque aqui todos eram culpados ate que provasse o contrário”⁴

4. Por outras vias

Para que possamos entender como e quando começam a surgir as favelas em Campina Grande, faz-se necessário compreendermos o seu processo de urbanização,

³ Encontra-se mais detalhes no Diário da Borborema de 31/01/ 1973, disponível no arquivo do Museu Histórico de nossa cidade.

⁴ Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=7Qqf9ZvHvw8>

levando-se em consideração os períodos de expansão do núcleo urbano. Assim, o núcleo urbanos que mais nos interessa se localiza no final da década de 1950, quando começa o processo de formação da Favela da Cachoeira.

Campina Grande, assim como outras cidades brasileiras, compreendeu uma camada pobre da população no seu espaço urbano, à medida que este começou a se urbanizar. A urbanização se deu desta cidade especialmente com a chegada do sistema de abastecimento de água, de energia, de esgoto, bem como, com a concentração de serviços, públicos e privados, que, por conseguinte, acarretaram um adensamento populacional. Partindo do pressuposto de que o processo é o permanente devir, então, o propósito de entender a periferização em Campina Grande, assim como estudar o espaço urbano é um grande desafio, na medida em que constituem processos em movimentos.

A partir do final da década de 1940 e início de 1950, Campina Grande passa por uma significativa urbanização e expansão, favorecida pelo crescimento econômico e populacional, o qual se deu sobretudo por causa da produção do algodão em larga escala. O aumento desta produção no interior paraibano atraiu capital para a cidade, que passou a ser implementado na construção das primeiras indústrias; na disponibilização dos serviços como cinemas, colégios, luz elétrica, abastecimento de água e esgoto e na implantação da linha férrea na cidade. Todos estes aparatos técnicos vão promover uma maior dilatação da cidade para além do centro tradicional.

Assim, estabelece-se uma diferenciação urbana entre centro e periferia, a qual passa a se constituir a partir dos subúrbios. A população pobre começava a ocupar os bairros periféricos que iam surgindo.

Deste modo, como no restante do país, o início da favelização em Campina Grande está associado ao crescimento populacional e ao êxodo rural em direção aos centros urbanos provocado pela busca da melhoria de vida e pela ausência de uma política agrária. Assim, segundo Kowarick (1993), para boa parte população migrante a favelização foi um expediente necessário para sobreviver na cidade.

Campina Grande, enquanto cidade de destaque na região nordeste, sempre possuiu um poder de concentração de pessoas oriundas das cidades pequenas de sua área de influência, que a procurava em busca do comércio e dos serviços. Verifica-se que desde

a década de 1940 a cidade já possuía uma aglomeração considerável de mais de 20.000 habitantes e 8.838 casas na cidade (SILVA FILHO, 2005)⁵.

A partir do que foi exposto, algumas questões nos inquietam: Existe um tamanho populacional que possibilite a uma parcela de “excluídos” tornarem-se visível no espaço urbano? Existe um determinado número de pessoas pobres que são suficientes para que a favela apareça como um problema urbano? Verificamos que os autores que tratam da favelização sempre estabelecem uma relação entre o crescimento da cidade com o surgimento de áreas precárias e periféricas.

Santos (1993)⁶ ajuda a esclarecer os nossos questionamentos, ao explicar o processo de urbanização brasileiro. Ao longo do século, especialmente nos períodos mais recentes, o processo brasileiro de urbanização revela uma crescente associação com o da pobreza, cujo lócus passa a ser, cada vez mais, a cidade. O campo brasileiro moderno afasta os pobres, e os trabalhadores da agricultura capitalizada vivem cada vez mais nos espaços urbanos.

A despeito da concordância de idéias entre os autores que estudam e analisam as favelas e as ocupações irregulares, na literatura estudada, vale destacar, que a discussão em torno do que se define por favela nem sempre é concordante. Assim, como a produção do espaço não é semelhante em todos os lugares, a caracterização das favelas também não é. Analisando o espaço urbano brasileiro, podemos observar uma variação muito grande de condições e de caracterização dessas áreas.

No caso da favela em questão, a Favela da Cachoeira, sua formação teve um caráter diferenciado. Os sujeitos não ocuparam a área de forma espontânea, pelo contrário, a ocupação foi incentivada pelo governo municipal tentando afastar o problema que os populares migrantes representavam para a elite local. Na nova área aqueles populares tiveram que descobrir a cada dia formas inéditas de trabalho e de luta, buscando assim remediar suas dificuldades e necessidades.

Algumas considerações

⁵ SILVA FILHO, Lino Gomes da. *Síntese Histórica de Campina Grande 1670 – 1963*. João Pessoa-PB: Editora Grafset, 2005, p. 168

⁶ SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. São Paulo: HUCITEC, 1993.

A partir do que já foi exposto, entendemos que o crescimento do número de favelas está relacionado ao processo de urbanização. Pois, à medida que há uma intensificação da produção dos espaços urbanos, observamos uma concentração maior de pessoas, as quais vão se inserindo em funções diferenciadas na produção. Também está associada a este fato a modernização agrícola, onde boa parte dos trabalhadores se torna assalariada ou é expulsa do campo. Devido às condições de renda, muitos não conseguem adquirir uma moradia e são obrigados a se aglomerarem em espaços urbanos periféricos. Em Campina Grande não foi diferente. O fenômeno de modernização da cidade, além de nos trazer símbolos modernos como água encanada, rede de iluminação, trens, ferrovias, rodovias, automóveis, cinemas, clubes, associações, praças e tantos outros benefícios da ordem do consumo e do embelezamento, trouxe junto consigo crescimento populacional, marginalidade e pobreza.

Neste artigo, tivemos entre outras pretensões, a busca de refletir sobre alguns aspectos da modernização da cidade de Campina Grande, especialmente no que tange à formação da favela da Cachoeira. Hoje, espacialmente falando, essa favela não mais existe, seus moradores, depois de anos de reivindicações de melhorias de vida aos governos municipais e estaduais que se sucederam, foram removidos no ano de 2006 para um bairro projetado especialmente para receber esses populares, o chamado Bairro da Glória, mas essa é história para um outro momento. No entanto, mesmo sendo um território espacialmente extinto, a Favela da Cachoeira está inscrita na história de Campina Grande, e muito mais, inscrita na história das famílias que habitaram aquela área.

Não conseguimos aqui dar conta de toda a historicidade da favela. Além das páginas serem insuficientes, esse trabalho não é de competência de um só, mas desafio de muitos. O que pretendemos foi discutir acerca da cidade de Campina Grande e levantar não respostas, mas questionamentos e inquietações. Provocações sobre nossa história. Este artigo não se encerra aqui. Muito pelo contrário. Esperamos que ele seja apenas um acesso de saída para vias mais largas, para que outras histórias sobre a cidade se inscrevam.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Elpídio, *História de Campina Grande*. 2º Ed. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 1979

ARANHA, Gervácio Batista. Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-ecômicas e práticas culturais (1880-1925). Doutorado em História. Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2001.

ARAÚJO, Martha Lúcia Ribeiro, *A ciranda da política campinense: 1945/1964*. In *Imagens multifacetadas da história de Campina Grande*. 2000

BRESCIANI, Maria Stella (org.) *Imagens da cidade nos séculos XIX e XX*. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero/ Fapesp, 1994. Ver ainda da mesma autora *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. 4ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987

CÂMARA, Epaminondas, *Alicerces de Campina Grande*. Oficina Gráfica da Livraria Moderna, 1943

_____, Epaminondas, *Datas Campinenses*. João Pessoa: Departamento de publicidade, 1947

CAVALCANTI, Silêde Leila Oliveira, *Campina Grande De(fl)vorada por Forasteiros: a passagem de Campina patriarcal a Campina burguesa* In *Imagens Multifacetadas da História de Campina Grande*. Organizado por Eliete Queiroz Gurjão. Campina Grande: A União, 2000

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1986.

DINIZ, Ariosvaldo da Silva, *A Maldição do Trabalho: homens pobres, mendigos e ladrões no imaginário das elites nordestinas – 1850-1930*. Mestrado em Ciências sociais, João Pessoa, UFPB, 1988

GURJÃO, Eliete Queiroz, *Morte e Vida das Oligarquias*. João Pessoa,: Editora Universitária/ UFPB, 1994

LIMA, Luciano Mendonça. *Uma porta estreita para a liberdade: as ações cíveis e alguns aspectos do cotidiano escravo na campina Grande do Século XIX* In. *A Paraíba no Império e na República: estudos de História Social e Cultural*. João Pessoa: Idéia, 2003

PESAVENTO, Sandra Jatahy, *Revista Brasileira de História*, vol. 27, nº 53, junho de 2007

REZENDE, Antônio Paulo. *Os (des)encantos da modernidade*. Doutorado em História, São Paulo, USP, 1992

RODRIGUES, Arlete Moysés. *Moradia nas cidades brasileiras*. São Paulo: Contexto, 2003

SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. São Paulo: HUCITEC, 1993.

_____, Milton. *Pobreza urbana*. São Paulo: editora Hucitec, 1979.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

SILVA, Josefa Gomes de Almeida, *Latifúndio e Algodão em Campina Grande: Modernização e Miséria*. Mestrado em História, UFPE, 1985

SILVA, Keila Queiroz, *Sem lenço e Sem Documento: Mulheres de 60, filhas de um novo tempo?* In *Imagens Multifacetadas da História de Campina Grande*. Organizado por Eliete Queiroz Gurjão. Campina Grande: A União, 2000.

SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. *Cartografias e imagens da cidade: Campina Grande - 1920-1945*, Doutorado em História. Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2001

_____, Fabio Gutemberg Ramos Bezerra de. *Território de Confrontos: Campina Grande (1920-1945)*. Campina Grande: EDUFCEG, 2006

SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. *Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945 – 1965)*. Tese de doutorado, UFPE, 2002

SYLVESTRE, Josué, *Da Revolução de 30 à Queda do Estado Novo*. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1993